

LEITURA SOBRE LEITURAS

Denise Aparecida Barreto*

RESUMO: Toda compreensão só se concretiza mediante utilização de conhecimento prévio. O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de toda a sua vida. O sentido do texto é construído a partir da interação do conhecimento linguístico, textual e de mundo. Para que a escola faça sentido, tanto para mestres quanto para aprendizes, é necessário que ela disponha de profissionais aptos ao ensino de leitura: professores — leitores e/ou professores de leitura, que despertem o interesse de seus alunos e apontem para uma maior produção do conhecimento. Palavras chave: Leitura; Leitura - Estudo e ensino; Leitura - Desenvolvimento.

ABSTRACT: All comprehension only concretizes intermediary utilization previous knowledge. The lector utilizes in the lecture what he knows, the knowledge acquired for all his life. The appreciation of the text is constructed beginning interaction of the linguist knowledge, textual and of the world. To the school makes feeling to teachers and pupils, it is necessary that is disposals of professionals be able to teaching lecture: lectors-teachers and/or teachers of lecture, that awaken the interest of their pupils and show the biggest production of knowledge. Keywords: lector; lecture; knowledge production; school; professionals of lecture.

Observações de práticas escolares de leitura têm revelado um quadro não muito animador em relação ao desempenho de alguns profissionais. O professor é o espelho de seus alunos, logo, o seu despreparo repercutirá definitivamente na formação dos educandos.

-
- Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/FACED - Faculdade de Educação UFBA

Alguns professores, confusos e impotentes, parecem não ter compromisso com a sua verdadeira função que é possibilitar o crescimento do educando, dando-lhe condições de democratizar nossa sociedade pelo conhecimento da mesma através da leitura. Porém, sabemos que existem profissionais que se preocupam com a aprendizagem dos educandos, dão o devido valor à prática de leitura em sala de aula, procuram por cursos especializados e sempre se atualizam no intuito de priorizar a leitura e compreensão.

Ler é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. Ler seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento, é buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Ler é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever - tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem lê, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.

Em decorrência da atuação de conhecimento de mundo no processo da construção do texto, é que ousamos dizer que não existe texto neutro, inocente, puro e imparcial. Por mais que o escritor busque se esconder por trás dos recursos linguísticos, tentando fazer da sua obra um texto e deste a cópia fiel da realidade, isso jamais acontece. Entre o texto e a realidade, há sempre a mediação do conhecimento do sujeito-leitor.

É lugar comum afirmar-se que nossos alunos não gostam de ler, ou não sabem ler. Mas nós temos uma grande parcela de culpa nessa história desde quando nos tornamos profissionais da escrita e não, leitores. Isto é contraditório, pois nossa intenção real é fazer o educando gostar de ler e aprender a ler e a interpretar. Como pode um professor ensinar leitura, se não tem paixão por ela? Em que se baseia a leitura? A leitura baseia-se no desejo e no prazer. Talvez esta resposta seja uma opção. Mas sabemos que quando lemos abolimos o mundo exterior, tornamo-nos clandestinos, abrimos o parêntese do imaginário. Nós lemos com nossos próprios corpos, mantemos ligações através dos nossos sentidos. A leitura provoca transformações de vida. A leitura nos identifica com o apaixonado ou com o místico.

Falando em leitura, o mais comum é pensarmos em leitura de livros. O ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor, visto como decodificador da letra. Por essas razões, ao começarmos a pensar a questão da leitura, é bom atentarmos para o que disse Paulo Freire (1977, p. 10): "a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele".

Os nossos primeiros passos para aprender a ler se encontram nos nossos primeiros contatos com o mundo. Quando começamos a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca, estamos fazendo leitura. Trata-se, pois, de um aprendizado mais fácil do que se costuma pensar, mas tão exigente e complicado como a própria vida. Maria Helena Martins (1994, p. 12), define muito bem este processo: "Também as investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo".

Seria interessante se nossos professores e alunos tivessem, em suas casas, contato direto com todos os tipos de leitura: livros, revistas, jornais, televisão, porque assim eles criariam gosto pela leitura e sentiriam necessidade dela. Mas, na maioria dos casos, nós não temos professores e alunos "herdeiros" de leitura, isto é, não é comum que os seus pais tenham praticado o conjunto de gestos e habilidades que caracterizam um leitor. Desse modo, a herança, ou um aprendizado pela familiarização ou pela "virtude do exemplo", não ocorreu para a maioria dos alunos e professores.

Os pais dos nossos alunos, na sua grande maioria, possuem nível muito baixo de instrução. Eles vêm de ambientes onde não existe a prática de leitura, portanto este hábito está longe de suas realidades. Mas nota-se uma forte mobilização familiar, no sentido de assegurar a seus filhos condições para o desenvolvimento de uma escolarização bem

sucedida. No que diz respeito à leitura, ela é vista como aquisição de competências, disposições e crenças relacionadas a usos escolares da escrita. É que sendo as famílias dos alunos pouco dotadas de conhecimento, não podendo, assim, elas mesmas transmiti-lo a seus membros, elas são as maiores incentivadoras da leitura, pois concordam que a aprendizagem se inicia com ela.

De acordo com SINGLY, (citado por Batista, 1993, p.50) em se tratando de leitura, a herança ou a transmissão intergeracional é um dos principais fatores responsáveis pela criação do gosto ou da necessidade de leitura.

O ideal para o educando seria que seus pais lessem jornais, revistas, livros, para dar a esses atos um aspecto natural, pois, assim, sua identidade social poderia se construir notadamente através deles (ser adulto como seu pai ou como sua mãe é, naturalmente, ler livros...). Mas sabemos que essa prática não é difundida nos lares dos nossos alunos.

Nós devemos demonstrar para nossos alunos que a leitura é algo natural, fácil e prazeroso, como algo que não exige esforço nem envolve dificuldades. Os professores parecem não saber do valor social atribuído à leitura, do crescimento pessoal que só ela pode oferecer. E passam anos queimando conhecimento dos educandos.

O que podemos observar é que a leitura nas nossas escolas não é incentivada. Quando digo leitura quero deixar claro que é de livros, jornais, revistas, televisão etc, não se trata somente de frequência às bibliotecas.

Por outro lado, as práticas escolares de leitura são, fundamentalmente, um instrumento de aprendizagem: a dimensão educativa do ler na escola se encontra em algo que não na leitura em si mesma, mas no "conteúdo" educativo dos textos lidos ou em sua linguagem. Segundo BATISTA (1996, p. 10), "ao contrário das práticas não-escolares de leitura particularmente daquelas que se desenvolvem nos espaços da vida privada que acentuam a gratuidade, de uma finalidade de aprendizado e se desenvolvem com base em gestos que procuram garantir sua utilidade: o controle do professor que direciona a leitura; a realização de exercícios e avaliações, o desenvolvimento de atitude atenta ao pormenor e à minúcia, a utilização de formas de anotações e registro, uma disposição a buscar nos textos um ensinamento, uma regra, uma máxima, uma instrução".

Nossos alunos deparam-se muitas vezes com textos que nada lhes significam enquanto mensagem, porém sabem que devem ser lidos. Os textos oferecidos são mecânicos, antigos e o professor, despreparado, reforça em sua prática pedagógica a "deficiência do aluno"; o próprio aluno que se considera impossibilitado de qualquer progresso na leitura e interpretação. Os alunos sabem também que a leitura e interpretação não são atividades simples; não é apenas repetir palavras. Leitura é uma operação complexa que envolve muitas variáveis, onde se relacionam a maturidade lingüística do leitor (seu conhecimento de língua, sua competência lingüística), seu desenvolvimento mental, seu desenvolvimento sociocultural, a competência intrínseca do texto, o teor de informação sintática e semântica.

Os alunos, na realidade, não sabem o que significa ler. A leitura para eles se reduz à relação leitor-livro ou leitor-texto, sem nenhuma atitude frente

ao mundo. Este procedimento explica as divagações de nossos alunos quando estão lendo, fazendo com que essas leituras se tornem puramente mecânicas. Em lugar da leitura e compreensão, o desafio passa a ser a memorização do texto. Eles se comportam passivamente, transformando-se somente em receptores, "sem buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins de conhecimento". (FREIRE, 1977, p. 10)

A escola não parece se preocupar, e nem se esforça em entender por que os alunos não aprendem a ler e a compreender. E por se sentir isenta de culpa, continua adotando os mesmos "métodos", a mesma artificialidade dos textos incoerentes que desconsideram a realidade do aluno na escolha de assuntos e, principalmente, pela disparidade na linguagem empregada, parece que os autores que selecionam os textos jamais pensaram no sujeitoleitor.

Muitas vezes descrevemos leitura como uma atividade prazerosa que nada tem a ver com a atividade difícil de decifração de palavras que é feita em sala de aula. Não podemos gostar do que não entendemos. Para alguns alunos, a leitura é muito difícil, visto que não faz sentido.

O texto e o leitor devem falar a mesma língua (se o leitor depara com um texto que não entende, ele não vai associá-lo a seu mundo, portanto não será entendido). O texto deve ser associado ao conhecimento de mundo do leitor que deve fazer e procurar comparações com seu conhecimento e a leitura.

Nossos alunos criam resistência ao ato de ler, pelas práticas desmotivadoras de concepção errada sobre a natureza do texto e da leitura, portanto, da linguagem. É essa resistência que é usada pelos professores para impedir uma prática alternativa. Então é necessário uma formação teórica do professor na área de leitura.

Os alunos devem ser capazes de escolher e produzir livremente os seus textos, podendo rejeitá-los se não agradar a eles. Então, a melhor medida é tornar a leitura desafiadora, criativa e significativa para os alunos.

Em relação a escola pública, por exemplo, vários estudos já realizados denunciam que as dificuldades de expressão oral e, conseqüentemente, escrita, dos estudantes devem-se à desvalorização da sua linguagem e à exigência de compreensão e produção de textos na norma de prestígio, ideal linguístico só conseguido por alguns, em situações de comunicação bastante especiais.

Hoje, mais do que nunca, a escola precisa proporcionar uma leitura e produção significativas de textos, "reais", até para suprir as deficiências extra-escolares a que muitos estudantes são expostos. Em contrapartida, o que se continua presenciando na escola é a leitura descontextualizada, fragmentada, compartimentalizada e sem lógica, escolhida pelo professor por ser de mais difícil aprendizagem. Como bem diz Maria Helena Martins (1994, p.23): "Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade."

O que se quer chamar a atenção é para a necessidade de o professor, alerta a essas questões, modificar seu modo de ver os textos que serão trabalhados pelos alunos, mudando seus métodos de trabalho, de maneira a favorecer a interação e a troca de conhecimentos, instaurando-se, assim,

um ambiente favorável à aprendizagem e, conseqüentemente, propiciando-se a produção de textos cujos elementos de coesão e de coerência sejam utilizados de maneira conveniente, revelando o conhecimento de mundo dos seus produtores, para que os leitores virtuais possam atribuir a esses textos um sentido plausível.

De qualquer maneira, é possível perceber que, mesmo atendendo à solicitação de produção do texto nos moldes impostos pela Escola, esforçando-se neste sentido, devolvendo o conhecimento escolar, enquadrando-se, e deixando marcas no texto que mostram as suas condições de produção, o aluno também faz aparecer o seu modo de ver o mundo, que, por sua vez, relaciona-se às condições sociais de sua existência como sujeito. A escola impõe, tenta controlar tudo, e consegue, até certo ponto, mas constata-se uma tensão constante entre a imposição, o controle e o que se deixa escapar, que é a dimensão subjetiva, na luta do sujeito para afirmar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes, *Os professores de Português e a leitura: um estudo exploratório*. Texto apresentado na 21ª-reunião anual da ANPED, Caxambu, set,1998.
- BORBA, Vicentina Maria Ramires. *A prática de leitura nos cursos de Letras*. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil, S.P., ano 14, n26, 1995, p. 4-13.
- HENFIL. *A inspiração é um cachorro preto, um doberman bem aí atrás de você*. In: *A redação como libertação*. Brasília: UnB, 1988.94 p. 83-87
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *O aprendizado da leitura*. 4ª ed. - São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1995.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*, São Paulo: Pontes, 1993
- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*, São Paulo: Pontes, 1989.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?*, 19ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74)
- ORLANDI, Eni Puccmelli, *A Linguagem e seu funcionamento: as Formas do Discurso*, 4ª ed. São Paulo: Pontes,1996.
- FREIRE, Paulo, *A importância do ato de ler (em três artigos que se completam)*. São Paulo: Autores Associado s/C ortez, 1982.
- PENTEADO, José Roberto Whitaker, *A técnica da comunicação humana*, 13ª ed. São Paulo: Pioneira, 1997.